

Sepé Tiaraju, uma liderança indígena na Guerra Guaranítica: o envolvimento do líder indígena na região das Missões 1753-1756

Sepé Tiaraju, an Indigenous Leadership in the Guaranitic War: the involvement of the indigenous leader in the Missions region 1753-1756

Luciano Viana de Freitas,¹ UFPel

Resumo

A trajetória de Sepé Tiaraju e a resistência Guarani Durante a Guerra Guaranítica, configuram um episódio central na história colonial sul-americana. O artigo analisa a figura de Sepé como um sujeito histórico e um mediador cultural, transitando entre os mundos indígena, jesuítico e europeu. A pesquisa se justifica pela necessidade do debate acadêmico sobre a atuação indígena, que foi minimizada em narrativas eurocêntricas e na historiografia tradicional. A abordagem qualitativa, baseada na revisão historiográfica crítica e no diálogo com fontes secundárias de autores renomados, busca questionar a construção da narrativa histórica sobre Sepé e sua relação com os jesuítas e os europeus. A análise conclui que a trajetória de Sepé é um elemento crucial para a compreensão da resistência dos povos originários frente às intervenções europeias.

Palavras-chave: Sepé Tiaraju; Resistência; Guerra Guaranítica; Jesuítas; Sete Povos das Missões.

Abstract

The trajectory of Sepé Tiaraju and the Guarani resistance during the Guaranitic War constitute a central episode in South American colonial history. This article analyzes the figure of Sepé as a historical subject and a cultural mediator, moving between the Indigenous, Jesuit, and European worlds. The research is justified by the need for academic debate regarding Indigenous agency, which has been minimized in Eurocentric narratives and traditional historiography. The qualitative approach, based on a critical historiographical review and a dialogue with secondary sources from renowned authors, seeks to question the construction of the historical narrative about Sepé and his relationship with the Jesuits and Europeans. The analysis concludes that Sepé's trajectory is a crucial element for understanding the resistance of Indigenous peoples against European interventions.

Keywords: Sepé Tiaraju; Resistance; Guaranitic War; Jesuits; Sete Povos das Missões.

¹Luciano Viana de Freitas é graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Desenvolve estudos e pesquisas com ênfase em História Colonial, relações de poder e resistência indígena na América do Sul. E-mail:lucianolvf2014@gmail.com

Introdução

A trajetória de Sepé Tiaraju, líder indígena Guarani dos Sete Povos das Missões, configurada, como um dos episódios mais expressivos da resistência ameríndia frente às intervenções europeias do período colonial na região sul do Brasil, como aponta o autor:

Na região hoje formada pelas divisas de Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, entre 1609 e 1768, padres jesuítas e índios guaranis construíram uma sociedade singular, relativamente democrática e próspera, onde as ferramentas e os meios de produção eram propriedade coletiva. Eram os chamados Sete Povos das Missões. Mas em 1750 o Tratado de Madri determinou que Portugal entregasse à Espanha a Colônia do Sacramento, para receber em troca o território dos Sete Povos, à margem leste do rio Uruguai, então sob domínio espanhol. Obrigados a deixar para trás o fruto do trabalho e o legado de sucessivas gerações, além da cultura ancestral, os guaranis rebelaram-se. Apoiadas pelos jesuítas, milícias guaranis barraram o avanço de contingentes de espanhóis e portugueses, encarregados de redesenhar as fronteiras entre seus domínios. Entre 1754 e 1756 a República Guarani (Dorneles, 2018, p.43).

Inserido no contexto das tensões e batalhas desencadeadas pelo Tratado de Madrid, entre 1753 e 1756, Sepé emergiu como protagonista da chamada Guerra Guaranítica, articulando a defesa dos territórios dos povos Guaranis diante da expansão das forças espanholas e portuguesas e das transformações provocadas pelas Missões Jesuíticas.

Sepé Tiaraju, mesmo líder, nunca foi cacique. O cargo era hereditário, ainda que o princípio de hereditariedade entre guaranis não fosse o mesmo que entre os europeus. A sucessão guarani não necessariamente era para o filho, mas para aquele com maior prestígio junto aos demais, desde que tivesse uma proximidade familiar com o líder anterior, (Burd, 2014, p.112).

O envolvimento de Sepé Tiaraju à frente do seu povo e a complexa relação que estabeleceu com os padres Jesuítas é fundamental para uma análise mais profunda da dinâmica social, política e cultural da região das Missões, como aponta o autor:

Se levarmos em consideração a ordem cronológica, a primeira menção a Sepé na documentação histórica ocorre no início de 1753. Refiro-me aos fatos ocorridos em Santa Tecla, quando as comissões demarcadoras foram impedidas de passar além desta estância de São Miguel. Foi, na prática, o primeiro ato hostil em oposição às comissões demarcadoras. Consta que Sepé liderava o grupo guarani que fez frente aos ibéricos. Nos diários dos demarcadores, a exemplo dos portugueses José Custódio de Sá e Faria e de Jacinto Rodrigues da Cunha, a situação fica clara, ainda que, como o fato se deu antes do envio das tropas, nem todos o registrarem (Burd, 2014, p.112).

Sua célebre afirmação, “Essa terra tem dono”² (Quevedo, 1994, p.6), reverbera até hoje como símbolo da luta pela preservação dos territórios indígenas e desafia narrativas de dominação sobre os povos originários. O estudo desta liderança não só reaviva debates essenciais para a história nacional e regional, como também revela aspectos pouco explorados na historiografia tradicional, proporcionando novas perspectivas sobre as relações de poder, negociação e resistência no contexto da Guerra Guaranítica.

Com isso, o estudo do tema mostra sua relevância, pois abordaremos a relação de Sepé Tiaraju com os Jesuítas, uma relação que em alguns momentos da história mostra uma dominância dos padres sobre os Indígenas Guaranis, buscaremos evidenciar algumas hipóteses de como acontecia essa relação, tendo Sepé Tiaraju como foco principal.

Gostaria também de apresentá-lo sob a perspectiva de um mediador cultural, ou seja, de um indivíduo que transita entre dois mundos aparentemente diversos, o dos indígenas e o dos europeus, papel que também o ajudou a se consolidar como liderança (Dorneles, 2018, p.45).

Kern, autor de *Utopias e Missões Jesuíticas*, dialoga com as questões da centralização do poder, dirigismo teocrático e o papel dos Jesuítas nas Missões, refletindo sua importância histórica no episódio da guerra Guaranítica. Essas dinâmicas estruturais fundamentadas na tutela clerical, geraram tensões constantes entre os Guaranis e o a Companhia de Jesus, delineando o cenário que antecedeu o conflito fronteiriço, como cita o autor:

A pouca importância dada às atuações dos índios e o apagamento de suas identidades étnicas construíram-se *pari passu* com a supervalorização do desempenho dos colonizadores em narrativas eurocêtricas e preconceituosas que davam conta de responder às questões citadas. Heróis ou vilões, os poderosos portugueses teriam sido capazes de dominar milhares de povos guerreiros, catequizá-los e discipliná-los, fazendo-os trabalhar e defender a terra como fiéis e submissos servidores do rei (Almeida, 2017, p.19).

Conforme fica evidenciado, temos dois diálogos contextualizados sobre a predominância da história do colonizador, sobrepondo a história indígena, que leva a entender a forma como eram tratados os feitos do lado do colonizador e do colonizado. Como diz (Almeida, 2017, p.19) “a importância minimizada da história indígena”, demonstra, como

²A frase “Essa terra tem dono” (Quevedo, 1994), atribuída ao líder guarani Sepé Tiaraju, é um poderoso manifesto de resistência e soberania indígena. Proferida em 1756, durante a Guerra Guaranítica, a declaração contestava diretamente as imposições do Tratado de Madri (1750), que visava a expulsão dos povos indígenas dos Sete Povos das Missões e a redistribuição de suas terras entre as coroas portuguesa e espanhola.

cita (Kern, 1994, p.84), “as fortes características dos jesuítas absolutistas, causando o apagamento dos sujeitos históricos do povo Guarani”. Outrossim, “O paternalismo dos jesuítas”, como apontou, (Kern, 1994, p.112), teria caracterizado esta estrutura absolutista monárquica, como em todas as colônias. Esta espécie de aristocracia tutelar, realizada em nome da religião e da autoridade política emanada diretamente das monarquias europeias, pode ter levado a um dirigismo estrito imposto à sociedade indígena instalada nos Trinta Povos?

Desconstruíam o caráter heróico dos nossos colonizadores, porém mantinham a perspectiva anterior de supervalorização de seu desempenho, na medida em que consideravam os índios como vítimas incapazes de agir diante da violência de um sistema no qual não tinham outra alternativa a não ser a fuga, a morte pela rebeldia ou a submissão aos dominadores (Almeida, 2014, p. 20).

É importante buscar o entendimento que o povo Guarani, que não aconteceu uma submissão das relações impostas pelo colonizador, mas que em muitos momentos a única forma confrontar os levavam a morte, devido a “disparidade de tecnologias bélicas do colonizador”, como diz (Almeida, 2014, p.20). Utilizamos na pesquisa uma abordagem qualitativa desse tema, autores que dialogam com a historiografia da fronteira do Rio Grande do Sul no século XVII, com ênfase nos Sete Povos das Missões, Guerra Guaranítica e também no personagem Histórico de Sepé Tiaraju. Ao longo da pesquisa foram encontrados artigos e obras de grandes historiadores como Rafael Burd , A consolidação de uma liderança indígena durante a revolta causada pelo Tratado de Madri: o caso de Sepé Tiaraju, entre o confronto e a negociação (2014), Tau Golin, A Província Jesuítica do Paraguai, a Guerra Guaranítica e a destruição do espaço jesuítico-missioneiro (2015), Amaro Dorneles , Guerra guaranítica, (2018), Arno Kern , Utopias e missões jesuíticas, (1994), Bruno Schlatter , Tiaraju e os outros Sepés: Lideranças Indígenas na guerra Guaranítica (2018), Júlio R. Quevedo , A Rebelião Colonial nas Missões (1994) e Maria Regina Celestino de Almeida, A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas (2017). Justifica-se com a intenção de trazer novamente ao debate acadêmico, essa parte da história que envolve personagens, culturas, mas um em especial que teve envolvimento com o povo Ibérico, Jesuíta e também com seu povo Guarani. Sepé Tiaraju, figura histórica com notoriedade maior na região da fronteira do Rio Grande do Sul, mas pouco debatido dentro do estudo da liderança nas escolas do Rio Grande do Sul.

Com uma análise historiográfica crítica, com diálogo de fontes secundárias, que serão artigos de autores referenciados no trabalho, o presente artigo tratará sobre figura de Sepé Tiaraju que é “composta de uma série de construções sobre sua figura” (Dorneles, 2018, p.45), o que transforma o tema do artigo, que pode nos levantar questionamentos sobre quem foi Sepé Tiaraju? Qual a relação dele com os Jesuítas? E qual foi a sua contribuição como Líder indígena na Guerra Guaranítica? Como foi construída essa narrativa sobre esse papel de liderança na historiografia do Rio Grande do Sul? Como podemos observar, com intenção de reduzir esse isolamento de informações, buscando abordar a riqueza dessa história fronteiriça, Ibérica, Brasileira e também indígena, faremos de Sepé Tiaraju tema principal deste trabalho, essa figura entre dois mundos, onde analisaremos pela perspectiva da Nova história indígena e da Etnohistória esse personagem de resistência ao colonizador, através de uma revisão historiográfica crítica.

Sepé Tiaraju e os primeiros registros de sua historiografia

Ao concentrar a pesquisa na figura étnica de Sepé Tiaraju, apresentaremos uma figura indígena, Guaraní da região dos Sete Povos das Missões, tendo como o evento histórico das Guerras Guaraníticas, seu principal registro historiográfico. Busca-se, com isso, construir a figura do personagem como um sujeito histórico, que exerceu uma liderança significativa no evento.

Quando os índios forem considerados sujeitos históricos e os múltiplos processos de interação entre suas sociedades e as populações que surgiram com a colonização europeia forem recuperados, “páginas inteiras da história do país serão reescritas; e ao futuro dos índios reservar-se-á um espaço mais equilibrado e, quem sabe, otimista” (Monteiro, 1995, p.228).

Para traçar uma trajetória de sua vida, como destaca Burd, precisamos traçar uma linha entre o período de 1753 e 1756, que são os anos que constam registros de sua existência.

Se levarmos em consideração a ordem cronológica, a primeira menção a Sepé na documentação histórica ocorre no início de 1753. Refiro-me aos fatos ocorridos em Santa Tecla, quando as comissões demarcadoras foram impedidas de passar além desta estância de São Miguel (Burd, 2014, p. 113).

Burd também descreve, que após o evento de Santa Tecla, encontramos registros sobre Sepé Tiaraju no ano de 1754, em um assalto ao Forte na cidade de Rio Pardo.

A respeito do evento ocorrido entre guaranis e portugueses, existe a polêmica sobre as duas versões: a lusitana, em que os índios atacaram o forte e foram presos; e a de que foram atraídos para dentro do forte, traídos e aprisionados. Ambas envolvem Sepé diretamente, devido a sua audaciosa fuga (Burd, 2014, p. 115).

Com base nas informações encontradas na obra de Golin, é possível contextualizar sua obra sobre a Guerra Guaranítica como uma análise histórica detalhada e focada nas tensões territoriais e no levante indígena contra as imposições dos tratados entre Portugal e Espanha. O livro de Golin aborda a resistência indígena como um fator ativo, desafiando a visão de passividade dos povos nativos e explorando as complexas relações de poder na região dos Sete Povos das Missões.

Respondeu o dito capitão que lhe deixaria aquela gente na fortaleza, enquanto ele mesmo os ia buscar; o que fizeram, recolhendo-se todos a ela, e saindo logo com o dito capitão o tenente-de-dragões Francisco Pinto Bandeira e quatro aventureiros, todos a cavalo. No caminho, se lhe escapou o dito capitão, metendo-se em um capão a pé, deixando o cavalo em que iamontado. E como o dito tenente o não pôde achar, voltou para a fortaleza, em cuja parte se prenderam todos os 53 índios, que depois disseram que, quando o seu capitão os mandou meter dentro da fortaleza, era para buscarem ocasião de fazerem nela um levante, para melhor a poderem atacar e tomar (Golin, 1998, p. 296).

De acordo com a obra de Tau Golin, o padre jesuíta Tadeu Henis é referenciado como uma fonte histórica importante para a compreensão da Guerra Guaranítica. Golin cita a Efemérides de La Guerra de los Guaranies³, uma obra de Henis que acompanha os Guaranis durante o conflito. É a partir desse tipo de registro colonial que os historiadores modernos buscam reconstituir a trajetória de Sepé Tiaraju. Apesar de seu nome de origem guarani estar hoje inscrito no Panteão dos Heróis da Pátria, a historiografia nacional enfrenta severas dificuldades para localizar documentos biográficos precisos sobre o líder. Esse cenário de escassez documental decorre, fundamentalmente, do silenciamento imposto pelos arquivos das coroas ibéricas em relação às lideranças rebeldes da colônia, como assevera o autor:

Facho de Luz em sua língua natal, Sepé está representado no livro oficial dos “Heróis da Pátria”, ao lado de personagens como Tiradentes e Zumbi dos Palmares. O brasileiro, todavia, mal conhece este personagem histórico. É mais fácil encontrar informações e documentação sobre ele e a República

³ Um relato histórico contemporâneo aos acontecimentos da Guerra Guaranítica (1753-1756), a obra é considerada uma importante fonte primária para entender o conflito sob a ótica dos Jesuítas e dos Guaranis que resistiam às tropas luso-espanholas.

Guarani em livros, museus e institutos de pesquisa argentinos, uruguaios e europeus do que em território pátrio (Dorneles, 2018, p. 45).

Cabe salientar que esse registro no livro dos Heróis da Pátria consta com seu nome de batismo “cristão”, como (Loyola, 2015, p.23), explica que o seu nome, José Tiaraju, encontra-se no Livro dos Heróis da Pátria, no Panteão da Liberdade e da Democracia, em homenagem ao “herói guarani missioneiro rio-grandense” (Lei nº 12.032/2009⁴).

Na região missioneira, os Jesuítas converteram os caciques cristianizados em diplomatas da causa, fazendo com que novas reduções⁵ fossem criadas, como salienta o autor:

Joseph Tyarayu ou José Tiaraju ou simplesmente Sepé, como era mais conhecido (certamente uma deformação de José), nasceu na missão de São Luís Gonzaga, em 1722. Órfão, teria sido levado para a missão de São Miguel, segundo um documento do Comitê 250 anos (2006). Assim, tinha cerca de 30 anos na época da guerra. Todavia, a data de nascimento não é historicamente comprovada, ficando difícil precisar sua idade (Prezia, 2019, p. 32).

O apagamento e a nebulosidade em torno de dados biográficos de Sepé revelam mais sobre a história dos colonizadores, do que sobre o próprio líder Guarani. A historiografia tradicional muitas vezes negligencia o protagonismo indígena, preferindo narrativas que se alinham à visão europeia do período colonial.

Ao longo do tempo, a ausência de informações precisas sobre Joseph Tyarayu, ou José Tiaraju, permitiu a proliferação de lendas e a construção de um herói popular. Contudo, longe de diminuir a sua importância, a imprecisão documental eleva sua figura a um símbolo de resistência e identidade.

Sepé Tiaraju, mesmo líder, nunca foi cacique. O cargo era hereditário, ainda que o princípio de hereditariedade entre guaranis não fosse o mesmo que entre os europeus. A sucessão guarani não necessariamente era para o filho, mas para aquele com maior prestígio junto aos demais, desde que tivesse uma proximidade familiar com o líder anterior (Burd, 2014, p. 112).

⁴ A Lei nº 12.032, de 21 de setembro de 2009, é uma legislação federal brasileira que inscreve o nome de Sepé Tiaraju no Livro dos Heróis da Pátria. O objetivo da lei foi homenagear e reconhecer o líder indígena guarani Sepé Tiaraju, celebrando os 250 anos de sua morte

⁵ As missões ou reduções, implantadas em território submetido à coroa espanhola, eram vilas situadas no meio da mata, que cresceram até se tornarem cidades.

O fato de Sepé Tiaraju ser reconhecido como líder sem ter o título de cacique, que era hereditário, evidencia a especificidade e a fluidez das estruturas de poder Guaranis em oposição às hierarquias fixas europeias. Enquanto a sucessão europeia seguia a linhagem direta, a liderança Guarani se baseava no mérito e no prestígio adquiridos perante a comunidade, como enfatiza (Almeida, 2017, p. 23), “considerando que os índios agiam movidos por interesses ligados às dinâmicas de suas organizações socioculturais, é essencial conhecê-las para compreender melhor suas relações interétnicas”.

Desde que houvesse alguma proximidade familiar, essa distinção é crucial para compreender como Sepé ascendeu à posição de liderança militar e moral na resistência contra as forças ibéricas, não por direito de nascimento, mas por sua oratória, coragem e capacidade de inspirar seu povo. A autoridade de Sepé, portanto, era legitimada pela confiança e pelo respeito dos Guaranis, refletindo uma dinâmica social que valorizava as qualidades individuais em um contexto de necessidade e mobilização.

Neste contexto surgiu a figura do Capitão Sepé Tiaraju, da missão de São Miguel. Nos textos da época chamavam-no de capitão, como o fez o superior da Missão de São Miguel, padre Lourenço Balda. Aparece também como mestre de campo, como escreveu Juan de Echevaria, representante espanhol, na fase inicial da guerra guaraníca (Prézia, 2019, p. 33).

A imagem de Sepé Tiaraju, mesmo com os mistérios que a cercam, inspira a luta pela justiça e pela liberdade, ressaltando a relevância duradoura de sua memória para os povos indígenas e para a história do Brasil.

Sepé Tiaraju e sua relação com os padres jesuítas

O modelo social dos Sete Povos das Missões, construído entre 1609 e 1768 na confluência de territórios hoje pertencentes a Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, representa um experimento histórico de notável singularidade. A parceria entre padres jesuítas e a população Guarani resultou em uma sociedade onde, de forma inovadora para a época e região, se constituía a propriedade coletiva dos meios de produção. Ferramentas, terras e o gado, por exemplo, não pertenciam a indivíduos, mas à comunidade, que os utilizava para gerar prosperidade e garantir a subsistência de todos.

Esse sistema comunitário de produção contrastava radicalmente com o modelo de exploração e acumulação de capital vigente nas colônias ibéricas, oferecendo aos Guaranis uma alternativa à escravização e ao desterro, configurando um exemplo precursor de organização social baseada em princípios de solidariedade e partilha.

Na região hoje formada pelas divisas de Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, entre 1609 e 1768, padres jesuítas e índios guaranis construíram uma sociedade singular, relativamente democrática e próspera, onde as ferramentas e os meios de produção eram propriedade coletiva. Eram os chamados Sete Povos das Missões. Mas em 1750 o Tratado de Madri determinou que Portugal entregasse à Espanha a Colônia do Sacramento, para receber em troca o território dos Sete Povos, à margem leste do rio Uruguai, então sob domínio espanhol. Obrigados a deixar para trás o fruto do trabalho e o legado de sucessivas gerações, além da cultura ancestral, os guaranis rebelaram-se. Apoiadas pelos jesuítas, milícias guaranis barraram o avanço de contingentes de espanhóis e portugueses, encarregados de redesenhar as fronteiras entre seus domínios (Dorneles, 2018, p. 43).

Além da prosperidade material, fruto da eficiente organização coletiva, os Sete Povos das Missões também apresentavam características de uma sociedade relativamente democrática, especialmente se comparada às rígidas estruturas de poder coloniais.

A influência dos jesuítas na organização religiosa e administrativa era significativa, mas as lideranças indígenas, como os caciques e conselhos, mantinham um papel ativo na tomada de decisões e na gestão dos povoados.

Os próprios jesuítas assinalaram à farta este particular horror que os índios sentiam diante do sacramento católico, sobretudo dos batismos in extremis, usuais nos aldeamentos por ocasião das pestes variólicas. Os pajés proclamavam, então, que o “batismo matava”, ao constatarem que os índios morriam tão logo recebiam os “santos óleos”. Aos olhos dos índios, se o batismo dos padres lhes trazia a morte – morte real e simbólica –, o rebatismo da santidade significava para eles a vida – vida eterna na terra da imortalidade (Vainfas, 2022, p. 148).

No contexto de sua obra, *A heresia dos índios*, Vainfas, utiliza essa citação para ilustrar o intenso choque cultural e a percepção distorcida que marcou a interação entre jesuítas e indígenas no Brasil colonial. O autor explora como a conversão forçada e as práticas católicas eram interpretadas pelos povos originários, não como uma salvação, mas como uma ameaça existencial.

Esse diálogo e a participação dos Guaranis na vida social e política contribuíram para a coesão interna e a resiliência das Missões. No entanto, a prosperidade e a autonomia desses povoados inevitavelmente os colocaram em rota de colisão com os interesses das coroas Portuguesa e Espanhola, que não viam com bons olhos a existência de um território economicamente forte e politicamente coeso fora de seu controle direto, o que culminaria na Guerra Guaranítica e no fim desse projeto social singular.

No período colonial, a Província Jesuítica do Paraguai significou a primeira aliança entre os padres, como representantes da geopolítica espanhola, e os morubixabas nativos da América. Uma ampla bibliografia, apesar de sua não unanimidade, difundiu a organização das Missões, demografia, ocupação territorial, arquitetura, produção e relações sociais. No geral, pode-se dizer que a sociedade missioneira representou a primeira alternativa americana ao modelo colonial ibérico (Golin, 2015, p. 53).

Sepé Tiaraju nasceu na Missão de São Luiz Gonzaga e foi batizado com o nome cristão de José. A criação dele pelos padres jesuítas o expôs à cultura e aos ensinamentos europeus, que se somaram a sua herança e visão de mundo Guarani.

Conforme apontamentos de (Prézia, 2019, p. 1) “para entender a figura e a trajetória de Sepé Tiaraju, capitão Guarani da missão jesuítica de São Miguel no oeste do atual Rio Grande do Sul”, é importante fazer uma retrospectiva histórica da presença dos Jesuítas no Paraguai nos séculos XVI e XVII, assim como aponta o autor.

Sepé atuou e fez parte de um mundo não só em transformação, mas também transformado. É desnecessário dizer que a vida dos guaranis estava mudada desde o contato iniciado com a conquista. A sociedade ocidental causaria câmbios irreversíveis para os indígenas. As novidades trazidas pelo europeu não foram somente copiadas, mas reelaboraram toda a vida dos nativos (Burd, 2012, p. 9).

A vida e atuação de Sepé Tiaraju se desenrolam em um contexto indígena já profundamente impactado pela presença ocidental. A sociedade nativa não apenas passava por transformações, mas já estava transformada de forma irreversível devido ao contato com os europeus.

As inovações trazidas pelos conquistadores não foram meramente reproduzidas pelos Guaranis, mas sim, reelaboraram e ressignificaram completamente seu modo de vida, influenciando toda a sua existência. Nesse cenário de profunda mudança e adaptação, a figura de Sepé emerge, representando a resistência e a resiliência de um povo diante da complexa

realidade que se impôs sobre ele, como assevera o autor:

Não pensemos que eles aceitaram toda a bagagem cultural, social e política que o europeu trazia. Os índios não copiaram simplesmente a cultura européia, mas a recriaram. Foram agentes de um processo de mestiçagem, não apenas biológico, como também cultural. As missões guarani-jesuíticas talvez sejam um dos maiores exemplos disso. Observamos esta mestiçagem não só nas figuras que adornavam as igrejas dos povoados, como também na reação dos guaranis ao Tratado de Madri e nas atitudes do próprio Sepé. Sim, porque sabemos que muitas delas, apesar de estarem visando à permanência de seu povo, tiveram alta influência da provável educação que recebeu dos jesuítas (Burd, 2012, p. 10).

Ao invés de aceitarem passivamente a cultura europeia, os indígenas nas Missões guarani-jesuíticas foram agentes ativos de um processo de intensa mestiçagem cultural e biológica, recriando as influências estrangeiras. Essa fusão de culturas se manifestou de diversas formas, desde a mescla de elementos estéticos nos adornos e na arquitetura das igrejas dos povoados, até a complexa reação dos Guaranis ao Tratado de Madri, que desencadeou as Guerras Guaraníticas. A liderança de Sepé Tiaraju é um dos exemplos mais emblemáticos dessa mestiçagem, já que, embora suas ações buscassem a permanência de seu povo, elas também refletiam a influência da provável educação jesuítica que recebeu. A experiência das missões, portanto, demonstra que a interação entre as culturas Guarani e jesuítica foi um fenômeno dinâmico de intercâmbio e não uma mera assimilação unilateral.

Podemos contextualizar, onde questiona as concepções que veem as culturas como blocos monolíticos que se misturam para formar uma terceira cultura mestiça. Como cita o autor, “a realidade é mais complexa e fragmentada, o “pensamento mestiço” é resultado da justaposição caótica e aleatória de elementos culturais, formando “conjuntos jamais fechados” (Gruzinski, 2001, p. 31). Tendo um processo em constante movimento e transformação. A mestiçagem, nesse sentido, não é um resultado final, mas um processo contínuo de recomposição de referências e práticas, que não se encaixa em categorias lineares. Como aponta o autor:

Conseguimos perceber que Sepé, apesar de não viver mais como um guarani antes do contato com a sociedade colonial, ainda podia se considerar parte deste grupo. Ora, o pertencimento a um grupo étnico pode ser bastante maleável. As categorias e características culturais de um grupo podem mudar, justamente por estarem envolvidos em processos históricos. Portanto, mesmo que transformados, os guaranis ainda eram indígenas, ainda poderiam considerar-se como membros desse grupo (Burd, 2012, p. 11).

A Liderança de Sepé Tiaraju no evento da Guerra Guaranítica

Em seu trabalho sobre a Guerra Guaranítica, Golin propõe “uma desconstrução das narrativas idealizadas que, ao longo do tempo, transformaram o conflito e a sociedade jesuítico-guarani em uma totalização romântica e simplista” (Golin, 1998, p. 561). Ele critica a persistência dessa idealização não só no imaginário popular, mas também na academia, onde a tese da “guerra irregular”⁶ como uma estratégia meramente indígena é repetida de forma acrítica, “argumenta que essa visão, muitas vezes motivada pela intenção de “vingar os índios” de forma abstrata, falha em analisar as complexas características sociais e culturais do período”(Golin, 1998, p. 561).

Ao invés de uma guerra heróica baseada unicamente em táticas de guerrilha, ele sugere que a análise dos eventos bélicos revelam hipóteses mais desafiadoras, que exigem uma investigação mais aprofundada da realidade missionária e da complexa dinâmica entre os Guaranis, os jesuítas e as potências coloniais. Por fim, ressaltamos a “ironia de que a memória idealizada do Guaraní, seja muitas vezes, promovida pelos mesmos setores tradicionalistas que historicamente se opuseram aos seus interesses” (Golin, 1998, p. 562), ilustrando a forma como os processos simbólicos no Brasil se constroem por incorporações seletivas e não por exclusões, como assevera o autor:

Portanto, qualquer análise da Guerra Guaranítica precisa considerar a predominância da idealização, fruto ou não de uma subjetividade contrária à injustiça colonial e emotivamente favorável aos guaranis. Dar-lhes o dom da criatividade nos embates guerreiros foi o primeiro adereço para sustentar a visão geral da qual decorre, ou a qual consagra, o idealismo: a guerra irregular como estratégia indígena. No contexto real missioneiro, o exame dos eventos bélicos configura outras hipóteses desafiadoras das ideias historiográficas (e da cultura) que até o momento esboçavam a tese de guerra irregular, com livre trânsito e repetida acriticamente. Portanto, o meu parâmetro, para apreensão do fenômeno, tensiona com essa tese genérica, que, na verdade, procura “vingar os índios” abstratamente de uma derrota real (Golin, 1998, p. 561).

Para desconstruir a visão simplista de que a resistência militar Guarani foi frágil por uma suposta inaptidão intrínseca dos indígenas para o combate, Golin (1998), argumenta que essa percepção é equivocada e que a aparente fragilidade foi, na verdade, uma consequência de escolhas táticas específicas e não de uma característica natural do povo Guarani.

⁶ A Guerra irregular é um tipo de conflito não convencional, que se diferencia da Guerra tradicional entre exércitos regulares de Estados. Ela é caracterizada por táticas assimétricas, nas quais forças menores e menos equipadas utilizam métodos não padronizados para enfrentar um adversário mais poderoso.

O autor reforça essa ideia ao lembrar que a combatividade Guarani foi historicamente comprovada dentro e fora das Missões, especialmente por grupos de "tapes chimarrões" que praticavam a guerra de movimento, utilizando o conhecimento do terreno como uma estratégia eficaz. Ao introduzir essa dualidade entre o "frontalismo" e a "guerra de movimento", a citação desafia a tese de que a resistência Guarani foi unicamente de guerrilha ou puramente ineficaz, como aponta o autor:

A frágil resistência militar guarani, certamente, não era condicionalmente natural. Ela foi decorrente mais das opções de lutas executadas do que dos pendores intrínsecos à condição indígena. Centenariamente e no interior das Missões, a combatividade guarani foi fartamente demonstrada na história. Além disso, os "tapes chimarrões" - índios que abandonavam os redutos jesuíticos - viviam como "salteadores" nas fronteiras, com manobras tipicamente da guerra de movimento, fazendo do conhecimento do terreno elemento preponderante para suas ações. Portanto, o frontalismo possuía antítese concomitante ao próprio período da Guerra Guaranítica (Golin, 1998, p. 562).

A força motriz por trás da rebelião indígena não residia apenas em táticas militares ou na simples defesa territorial, sobretudo, na profunda crença de que a luta era uma guerra santificada. Ao interpretar o conflito não como uma disputa meramente política ou militar, mas como um embate entre o bem e o mal, Golin, revela como a teologia jesuítica, incorporada e ressignificada pelos Guaranis, transformou a resistência em uma missão divina.

“A carta de Ibaringã⁷” (Golin, 1998, p. 563), enviada às vésperas da morte de Sepé é apresentada como uma evidência crucial dessa mentalidade, na qual a vitória dependia mais da devoção e da proteção divina do que da força bélica, tornando os guerreiros Guaranis "purificadores instrumentos de Deus" e infundindo em sua luta um sentido de inviolabilidade moral que supera a lógica militar convencional. Golin frisa que:

As tropas coloniais estavam violando mais que a materialidade territorial. Eram forças do mal e profanadores, segundo o imaginário construído pela missionarização. Encontravam-se ali os portugueses - entenda-se bandeirantes/mamelucos na representação guarani -, encarnando o próprio Diabo. Além da guerra, tratava-se de um espaço santificado a não ser maculado. As tropas guaranis, portanto, eram projeções da vontade divina, purificadores instrumentos de Deus. Valentim expressa uma dezena de argumentos que mostram os índios como portadores da inviolabilidade. Eram acompanhados por Deus, a Virgem, São Miguel e todos os santos. Para

⁷ Valentim Ibaringã, (Golin, 1998), foi um cacique Guarani que desempenhou um papel significativo na Guerra Guaranítica. Ele era o administrador da estância do povoado de São Xavier, pertencente ao povo de São Borja, na região dos Sete Povos das Missões.

os guaranis da frente de batalha, os padres dedicavam as missas, rezadas diante das imagens. Esses soldados da redução e da fé deveriam invocar constantemente os nomes santos. Seriam vencedores se demonstrassem devoção, pois, se "tudo é para Deus", [...] "todos os anjos da corte celestial serão vossos companheiros". As orações dos Povos da Província Jesuítica lhes dariam confiança, "em especial as das crianças inocentes, que todas se empregam em vos encomendar a Deus". Na guerra, "Deus, Nosso Senhor, e a Virgem Maria, e o nosso Pai São Miguel sejam vossos companheiros". Mais que os guerreiros que Sepé comandava na vanguarda, os invasores deveriam temê-los "por ter em nossa companhia a Santíssima Virgem e os Santos Anjos". O princípio da eficiência guerreira estava na causa e não exclusivamente na capacidade real de fazer a guerra. Ao encerrar a carta, Valentim ofereceu-lhe uma "bandeira com o retrato de Nossa Senhora". Dela se deduz o sentido emblemático da Guerra Guaranítica. A carta de Valentim integra o universo simbólico missionário pré- guerra, desde que os guaranis resolveram resistir, em 1753 (Golin, 1998, p. 564).

A profunda e complexa interação cultural entre jesuítas e Guaranis, revelando que a resistência indígena não pode ser compreendida apenas como uma oposição pura às forças coloniais. A obra demonstra que a cultura jesuítica, com seus ritos e teologia, já estava profundamente incorporada e ressignificada pela cosmovisão Guarani, criando uma "cultura de contato" híbrida.

Assim o conflito se manifesta não só em termos territoriais e militares, mas também através de um imaginário religioso compartilhado. Sepé Tiaraju, como enfatiza, classificado pelos padres como "célebre e não noveleiro como os demais" (Golin, 1998, p.284), entrou nessa mesma comoção, revelando-se um corregedor em que tais argumentos germinavam sem resistência.

Desde fevereiro de 1754, quando escreveu uma carta ao superior das Missões, suas ações se embasaram diretamente nessa força simbólica: as palavras de São Miguel, que apareceram ao cacique Alonso Tapayu três vezes, não poderiam ser desobedecidas. Tiaraju e os demais rebeldes, em suma, aponta, "utilizaram a matéria de convencimento dos próprios jesuítas, dando-lhe a mesma função empregada pela Ordem para a evangelização reducional" (Golin, 1998, p.284), só que, agora, em nova conjuntura histórica, inserida em conflito geopolítico de consequências internacionais.

O mesmo conteúdo pregacional que servirá para "arregimentar" almas para a cristandade, retirando-as da "barbárie primitiva", mais de dois séculos após a missionarização guarani estaria ainda no centro de sua perdição. Como aponta o autor:

Os guaranis fronteiriços iniciaram a retirada de seus bens e adotaram as

táticas de terra arrasada e guerra de movimento. Os campos eram queimados para que os animais do invasor não encontrassem pastos. As roças devastadas, quando não podiam retirar a produção. Os gados levados para o norte, ou escondidos em fundões, fora da rota inimiga.

Exceto a execução de duas pequenas partidas de blandengues, os índios não conseguiam impor baixas mais significativas. Alguns peões e escravos foram mortos após serem atraídos por animais colocados à distância. Quando iam abatê-los, eram emboscados. A tática de Sepé Tiaraju previa a adoção de movimentos de guerrilha em campo aberto para atrair o exército luso-espanhol à estrada do Monte Grande - também chamado de Mato Grande ou Boca do Monte -, que é a atual subida da serra entre os municípios de Santa Maria e São Martinho, no Rio Grande do Sul, Brasil (Golin, 2011, p. 5).

As estratégias de guerra dos Guaranis, liderados por Sepé Tiaraju, não buscavam o confronto direto com o exército ibérico. Eles preferiam táticas de guerrilha, terra arrasada, queimando campos e escondendo gado para dificultar o avanço inimigo. A ideia de Sepé era atrair as tropas para a estrada do Monte Grande, onde o terreno desfavorável permitiria emboscadas, explorando o conhecimento do território para compensar a inferioridade bélica, “revela Sepé Tiaraju não apenas como um guerreiro, mas como um líder de guerra estratégico e astute”, (Golin, 2011, p. 5). Sua “tática de guerrilha em campo aberto”, (Dornelles, 2018, p.45), destinada a atrair as forças luso-espanholas para a estrada do Monte Grande, demonstra uma capacidade sofisticada de usar o terreno a seu favor. Ao conduzir o inimigo para uma região montanhosa e difícil, ele buscava neutralizar a superioridade bélica do adversário, invertendo a dinâmica do confronto. Essa abordagem tática indica que Sepé Tiaraju compreendia a desvantagem de um embate direto e em vez disso, planejava meticulosamente suas ações, transformando a geografia em uma arma e a emboscada em sua principal estratégia.

A postura de antes reconhecer, “observar os inimigos, para depois combatê-los parece ser prudente, buscando evitar o enfrentamento inconsequente”, como enfatiza (Burd, 2014, p.116), Tiaraju percebeu que seria improdutivo atacar os ibéricos, antes da batalha de Caiboaté⁸, mas Sepé Tiaraju não estava em Caiboaté, porque morreu três dias antes.

A morte de Sepé Tiaraju

A resistência indígena aos avanços ibéricos atingiu seu ponto crítico às margens do rio Vacacaí, próximo à atual cidade gaúcha de São Gabriel. Após uma escaramuça inicial, as

⁸ A Batalha de Caiboaté foi o confronto decisivo e mais sangrento da Guerra Guaranítica, ocorrido em 7 de fevereiro de 1756.

forças Guaranis recuaram taticamente para uma área de mata densa, com o intuito de preparar uma emboscada.

No entanto, o plano de defesa foi tragicamente interrompido. No momento crucial da retirada, Sepé Tiaraju, líder da resistência, sofreu um acidente fatal: seu cavalo tropeçou em uma toca, derrubando-o. Imobilizado no chão, Sepé foi rapidamente alcançado e morto pelas forças ibéricas, um evento que marcou profundamente a tragédia missioneira e o conflito entre as populações locais e os colonizadores, como aponta o autor Dorneles:

Diante da resposta ao ataque, os índios se retiraram. Buscaram refúgio numa área de mata, onde seus milicianos, emboscados, aguardavam a hora do ataque: “Mas antes de atingir o abrigo, o cavalo de Sepé enfiou as patas dianteiras em uma toca e rodou. Já no chão, recebeu a carga dos ibéricos”. A tragédia missioneira se deu às margens de um riacho, às margens do rio Vacacaí, perto da atual cidade de São Gabriel (RS) (Dorneles, 2018, p. 49).

Ao investigar a morte de Sepé Tiaraju, “aponta para uma convergência de relatos de comandantes e cronistas da expedição, os quais registraram o desfecho brutal do líder Guarani” (Golin, 1998, p.312). A análise de Golin, detalha que Sepé foi ferido e lanceado por um peão e em seguida, morto a tiros de pistola pelo comandante da operação, o governador José Joaquim de Viana⁹, que acrescentam a crueldade do episódio a tortura e a queima do corpo de Sepé com pólvora. A contextualização de Golin, resgata os detalhes sombrios de um martírio que solidificou a figura de Sepé Tiaraju como um símbolo de resistência indígena frente ao poderio ibérico, como assevera o autor:

Custódio diz que Sepé foi reconhecido por um espanhol. Sobre a morte, narra que José Joaquim de Viana, avistando um índio “[...] que lhe parecia ser o que os mandava, ao qual um peão português quebrou uma lança no corpo, e o governador de Montevideu o matou com um tiro de pistola”. Para o lusitano, “[...] o índio Sepeê, que ficou morto, era entre os seus de grande valor e astúcia, e, por isso, comandava aos demais” (Faria, 2004, p. 417).

A morte de Sepé Tiaraju não foi apenas o fim trágico de um líder indígena, ela se tornou um evento central na historiografia dos Sete Povos das Missões, cercado por detalhes como mostra o autor:

Interessante notar que o “capitão” indígena portava em sua algibeira duas

⁹ José Joaquim de Viana (1717-1773) foi uma figura proeminente na administração colonial espanhola na América do Sul, mais notavelmente por seu papel como Governador de Montevideu e posteriormente do Rio da Prata, (Golin, 1998).

cartas, que são descritas no diário de Jacinto Rodrigues da Cunha. Uma era assinada pelo “mayordomo” de São Miguel, Valentim Ibaringã, provavelmente era uma correspondência destinada aos líderes de outras reduções, solicitando novas informações sobre o conflito. A segunda, que para o português se parece com uma instrução a Sepé, reafirma a vontade de permanecer nas terras que, segundo os guaranis, Deus havia lhes dado (Burd, 2012, p. 47).

Com o corpo martirizado e a resistência temporariamente silenciada, a morte de Sepé Tiaraju não representou o fim da luta Guarani, mas sim o nascimento de um símbolo de resistência que ecoaria através dos séculos, imortalizado na memória e na identidade cultural do Sul do Brasil.

Contribuições e interlocuções entre diversos autores, diálogos teóricos sobre Sepé Tiaraju

A análise das interlocuções autorais sobre Sepé Tiaraju revela um denso debate historiográfico. Há consenso sobre a relevância do líder Guarani na resistência às potências ibéricas durante a Guerra Guaranítica (1753-1756) e contra as imposições do Tratado de Madri, tendo a máxima “Essa terra tem dono” como lema central.

Pesquisadores como Almeida (2017), Dorneles (2018) e Kern (1994) convergem na crítica às narrativas eurocêntricas tradicionais, buscando superar o apagamento das identidades nativas e reposicionar os indígenas como sujeitos históricos ativos.

As divergências teóricas emergem na avaliação da autonomia missioneira. Enquanto Kern (1994) define as reduções por um “dirigismo estrito” e paternalista, indicando uma agência indígena limitada, Burd (2014) e Almeida (2017) sustentam a existência de relações interétnicas complexas.

Nesse sentido, Dorneles (2018), propõe a categoria de “mediador cultural” para Sepé, cuja liderança baseava-se no prestígio, no mérito e não em moldes hereditários europeus, evidenciando dinâmicas socioculturais próprias.

A resistência ativa e a capacidade estratégica dos Guaranis são ilustradas pela fuga de Sepé do Forte de Rio Pardo, Golin (1998); Burd (2014), evento cujas versões conflitantes nas fontes lusitanas e jesuíticas desafiam a crítica documental.

Ademais, a escassez de documentação biográfica primária, longe de ser apenas um limitante, é interpretada por Dorneles (2018) como evidência de um apagamento deliberado pelo colonizador, fator que impulsionou a mitificação do líder. Em síntese, o esforço dessa

revisão historiográfica decolonial visa resgatar a agência dos povos originários. O objetivo comum é garantir que a trajetória de Sepé Tiaraju integre o capítulo central da formação histórica do sul do Brasil, em vez de figurar como mero apêndice da história colonial.

Considerações finais

Sepé Tiaraju nasceu na Missão de São Luiz Gonzaga e foi batizado com o nome cristão de José. A criação dele pelos padres jesuítas o expôs à cultura e aos ensinamentos europeus, que se somaram a sua herança e visão de mundo Guarani.

Conforme apontamentos de (Prézia, 2019, p.1) “para entender a figura e a trajetória de Sepé Tiaraju, capitão Guarani da missão jesuítica de São Miguel no oeste do atual Rio Grande do Sul”, é importante fazer uma retrospectiva histórica da presença dos Jesuítas no Paraguai nos séculos XVI e XVII, assim como aponta o autor:

Sepé atuou e fez parte de um mundo não só em transformação, mas também transformado. É desnecessário dizer que a vida dos guaranis estava mudada desde o contato iniciado com a conquista. A sociedade ocidental causaria câmbios irreversíveis para os indígenas. As novidades trazidas pelo europeu não foram somente copiadas, mas reelaboraram toda a vida dos nativos (Burd, 2012, p. 9).

A vida e atuação de Sepé Tiaraju se desenrolam em um contexto indígena já profundamente impactado pela presença ocidental. A sociedade nativa não apenas passava por transformações, mas já estava transformada de forma irreversível devido ao contato com os europeus.

As inovações trazidas pelos conquistadores não foram meramente reproduzidas pelos Guaranis, mas sim, reelaboraram e ressignificaram completamente seu modo de vida, influenciando toda a sua existência. Nesse cenário de profunda mudança e adaptação, a figura de Sepé emerge, representando a resistência e a resiliência de um povo diante da complexa realidade que se impôs sobre ele, como assevera o autor:

Não pensemos que eles aceitaram toda a bagagem cultural, social e política que o europeu trazia. Os índios não copiaram simplesmente a cultura européia, mas a recriaram. Foram agentes de um processo de mestiçagem, não apenas biológico, como também cultural. As missões guarani-jesuíticas talvez sejam um dos maiores exemplos disso. Observamos esta mestiçagem não só nas figuras que adornavam as igrejas dos povoados, como também na reação dos guaranis ao Tratado de Madri e nas atitudes do próprio Sepé.

Sim, porque sabemos que muitas delas, apesar de estarem visando à permanência de seu povo, tiveram alta influência da provável educação que recebeu dos jesuítas (Burd, 2012, p. 10).

Ao invés de aceitarem passivamente a cultura europeia, os indígenas nas Missões guarani-jesuíticas foram agentes ativos de um processo de intensa mestiçagem cultural e biológica, recriando as influências estrangeiras. Essa fusão de culturas se manifestou de diversas formas, desde a mescla de elementos estéticos nos adornos e na arquitetura das igrejas dos povoados, até a complexa reação dos Guaranis ao Tratado de Madri, que desencadeou as Guerras Guaraníticas. A liderança de Sepé Tiaraju é um dos exemplos mais emblemáticos dessa mestiçagem, já que, embora suas ações buscassem a permanência de seu povo, elas também refletiam a influência da provável educação jesuítica que recebeu. A experiência das missões, portanto, demonstra que a interação entre as culturas Guarani e jesuítica foi um fenômeno dinâmico de intercâmbio e não uma mera assimilação unilateral.

Podemos contextualizar, onde questiona as concepções que veem as culturas como blocos monolíticos que se misturam para formar uma terceira cultura mestiça. Como cita o autor, “a realidade é mais complexa e fragmentada, o “pensamento mestiço” é resultado da justaposição caótica e aleatória de elementos culturais, formando “conjuntos jamais fechados” (Gruzinski, 2001, p.31). Tendo um processo em constante movimento e transformação. A mestiçagem, nesse sentido, não é um resultado final, mas um processo contínuo de recomposição de referências e práticas, que não se encaixa em categorias lineares. Como aponta o autor:

Conseguimos perceber que Sepé, apesar de não viver mais como um guarani antes do contato com a sociedade colonial, ainda podia se considerar parte deste grupo. Ora, o pertencimento a um grupo étnico pode ser bastante maleável. As categorias e características culturais de um grupo podem mudar, justamente por estarem envolvidos em processos históricos. Portanto, mesmo que transformados, os guaranis ainda eram indígenas, ainda poderiam considerar-se como membros desse grupo (Burd, 2012, p. 11).

A Liderança de Sepé Tiaraju no evento da Guerra Guaranítica

Em seu trabalho sobre a Guerra Guaranítica, Golin propõe “uma desconstrução das narrativas idealizadas que, ao longo do tempo, transformaram o conflito e a sociedade jesuítico-guarani em uma totalização romântica e simplista” (Golin, 1998, p.561). Ele critica a persistência dessa idealização não só no imaginário popular, mas também na academia, onde a

tese da "guerra irregular"¹⁰ como uma estratégia meramente indígena é repetida de forma acrítica, “argumenta que essa visão, muitas vezes motivada pela intenção de “vingar os índios” de forma abstrata, falha em analisar as complexas características sociais e culturais do período”(Golin, 1998, p.561).

Ao invés de uma guerra heróica baseada unicamente em táticas de guerrilha, ele sugere que a análise dos eventos bélicos revelam hipóteses mais desafiadoras, que exigem uma investigação mais aprofundada da realidade missionária e da complexa dinâmica entre os Guaranis, os jesuítas e as potências coloniais. Por fim, ressaltamos a “ironia de que a memória idealizada do Guaraní, seja muitas vezes, promovida pelos mesmos setores tradicionalistas que historicamente se opuseram aos seus interesses” (Golin, 1998, p.562), ilustrando a forma como os processos simbólicos no Brasil se constroem por incorporações seletivas e não por exclusões, como assevera o autor:

Portanto, qualquer análise da Guerra Guaranítica precisa considerar a predominância da idealização, fruto ou não de uma subjetividade contrária à injustiça colonial e emotivamente favorável aos guaranis. Dar-lhes o dom da criatividade nos embates guerreiros foi o primeiro adereço para sustentar a visão geral da qual decorre, ou a qual consagra, o idealismo: a guerra irregular como estratégia indígena. No contexto real missionário, o exame dos eventos bélicos configura outras hipóteses desafiadoras das ideias historiográficas (e da cultura) que até o momento esboçavam a tese de guerra irregular, com livre trânsito e repetida acriticamente. Portanto, o meu parâmetro, para apreensão do fenômeno, tensiona com essa tese genérica, que, na verdade, procura “vingar os índios” abstratamente de uma derrota real (Golin, 1998, p. 561).

Para desconstruir a visão simplista de que a resistência militar Guarani foi frágil por uma suposta inaptidão intrínseca dos indígenas para o combate, Golin (1998), argumenta que essa percepção é equivocada e que a aparente fragilidade foi, na verdade, uma consequência de escolhas táticas específicas e não de uma característica natural do povo Guarani.

O autor reforça essa ideia ao lembrar que a combatividade Guarani foi historicamente comprovada dentro e fora das Missões, especialmente por grupos de “tapes chimarrões” que praticavam a guerra de movimento, utilizando o conhecimento do terreno como uma estratégia eficaz. Ao introduzir essa dualidade entre o “frontalismo” e a “guerra de movimento”, a citação desafia a tese de que a resistência Guarani foi unicamente de guerrilha

¹⁰ A Guerra irregular é um tipo de conflito não convencional, que se diferencia da Guerra tradicional entre exércitos regulares de Estados. Ela é caracterizada por táticas assimétricas, nas quais forças menores e menos equipadas utilizam métodos não padronizados para enfrentar um adversário mais poderoso.

ou puramente ineficaz, como aponta o autor:

A frágil resistência militar guarani, certamente, não era condicionalmente natural. Ela foi decorrente mais das opções de lutas executadas do que dos pendores intrínsecos à condição indígena. Centenariamente e no interior das Missões, a combatividade guarani foi fartamente demonstrada na história. Além disso, os "tapes chimarrões" - índios que abandonavam os redutos jesuíticos - viviam como "salteadores" nas fronteiras, com manobras tipicamente da guerra de movimento, fazendo do conhecimento do terreno elemento preponderante para suas ações. Portanto, o frontalismo possuía antítese concomitante ao próprio período da Guerra Guaranítica (Golin, 1998, p. 562).

A força motriz por trás da rebelião indígena não residia apenas em táticas militares ou na simples defesa territorial, sobretudo, na profunda crença de que a luta era uma guerra santificada. Ao interpretar o conflito não como uma disputa meramente política ou militar, mas como um embate entre o bem e o mal, Golin, revela como a teologia jesuítica, incorporada e ressignificada pelos Guaranis, transformou a resistência em uma missão divina.

"A carta de Ibaringã¹¹" (Golin, 1998, p. 563), enviada às vésperas da morte de Sepé é apresentada como uma evidência crucial dessa mentalidade, na qual a vitória dependia mais da devoção e da proteção divina do que da força bélica, tornando os guerreiros Guaranis "purificadores instrumentos de Deus" e infundindo em sua luta um sentido de inviolabilidade moral que supera a lógica militar convencional. Golin frisa que:

As tropas coloniais estavam violando mais que a materialidade territorial. Eram forças do mal e profanadores, segundo o imaginário construído pela missionarização. Encontravam-se ali os portugueses - entenda-se bandeirantes/mamelucos na representação guarani -, encarnando o próprio Diabo. Além da guerra, tratava-se de um espaço santificado a não ser maculado. As tropas guaranis, portanto, eram projeções da vontade divina, purificadores instrumentos de Deus. Valentim expressa uma dezena de argumentos que mostram os índios como portadores da inviolabilidade. Eram acompanhados por Deus, a Virgem, São Miguel e todos os santos. Para os guaranis da frente de batalha, os padres dedicavam as missas, rezadas diante das imagens. Esses soldados da redução e da fé deveriam invocar constantemente os nomes santos. Seriam vencedores se demonstrassem devoção, pois, se "tudo é para Deus", [...] "todos os anjos da corte celestial serão vossos companheiros". As orações dos Povos da Província Jesuítica lhes dariam confiança, "em especial as das crianças inocentes, que todas se empregam em vos encomendar a Deus". Na guerra, "Deus, Nosso Senhor, e a Virgem Maria, e o nosso Pai São Miguel sejam vossos companheiros".

¹¹ Valentim Ibaringã, (Golin, 1998), foi um cacique Guarani que desempenhou um papel significativo na Guerra Guaranítica. Ele era o administrador da estância do povoado de São Xavier, pertencente ao povo de São Borja, na região dos Sete Povos das Missões.

Mais que os guerreiros que Sepé comandava na vanguarda, os invasores deveriam temê-los "por ter em nossa companhia a Santíssima Virgem e os Santos Anjos". O princípio da eficiência guerreira estava na causa e não exclusivamente na capacidade real de fazer a guerra. Ao encerrar a carta, Valentim ofereceu-lhe uma "bandeira com o retrato de Nossa Senhora". Dela se deduz o sentido emblemático da Guerra Guaranítica. A carta de Valentim integra o universo simbólico missionário pré- guerra, desde que os guaranis resolveram resistir, em 1753 (Golin, 1998, p. 564).

A profunda e complexa interação cultural entre jesuítas e Guaranis, revelando que a resistência indígena não pode ser compreendida apenas como uma oposição pura às forças coloniais. A obra demonstra que a cultura jesuítica, com seus ritos e teologia, já estava profundamente incorporada e ressignificada pela cosmovisão Guarani, criando uma "cultura de contato" híbrida.

Assim o conflito se manifesta não só em termos territoriais e militares, mas também através de um imaginário religioso compartilhado. Sepé Tiaraju, como enfatiza, classificado pelos padres como "célebre e não noveleiro como os demais" (Golin, 1998, p. 284), entrou nessa mesma comoção, revelando-se um corregedor em que tais argumentos germinavam sem resistência.

Desde fevereiro de 1754, quando escreveu uma carta ao superior das Missões, suas ações se embasaram diretamente nessa força simbólica: as palavras de São Miguel, que apareceram ao cacique Alonso Tapayu três vezes, não poderiam ser desobedecidas. Tiaraju e os demais rebeldes, em suma, aponta, "utilizaram a matéria de convencimento dos próprios jesuítas, dando-lhe a mesma função empregada pela Ordem para a evangelização reducional" (Golin, 1998, p. 284), só que, agora, em nova conjuntura histórica, inserida em conflito geopolítico de consequências internacionais.

O mesmo conteúdo pregacional que servirá para "arregimentar" almas para a cristandade, retirando-as da "barbárie primitiva", mais de dois séculos após a missionarização guarani estaria ainda no centro de sua perdição. Como aponta o autor:

Os guaranis fronteiriços iniciaram a retirada de seus bens e adotaram as táticas de terra arrasada e guerra de movimento. Os campos eram queimados para que os animais do invasor não encontrassem pastos. As roças devastadas, quando não podiam retirar a produção. Os gados levados para o norte, ou escondidos em fundões, fora da rota inimiga. Exceto a execução de duas pequenas partidas de blandengues, os índios não conseguiam impor baixas mais significativas. Alguns peões e escravos foram mortos após serem atraídos por animais colocados à distância. Quando iam abatê-los, eram emboscados. A tática de Sepé Tiaraju previa a adoção de

movimentos de guerrilha em campo aberto para atrair o exército luso-espanhol à estrada do Monte Grande - também chamado de Mato Grande ou Boca do Monte -, que é a atual subida da serra entre os municípios de Santa Maria e São Martinho, no Rio Grande do Sul, Brasil (Golin, 2011, p. 5).

As estratégias de guerra dos Guaranis, liderados por Sepé Tiaraju, não buscavam o confronto direto com o exército ibérico. Eles preferiam táticas de guerrilha, terra arrasada, queimando campos e escondendo gado para dificultar o avanço inimigo. A ideia de Sepé era atrair as tropas para a estrada do Monte Grande, onde o terreno desfavorável permitiria emboscadas, explorando o conhecimento do território para compensar a inferioridade bélica, “revela Sepé Tiaraju não apenas como um guerreiro, mas como um líder de guerra estratégico e astute”, (Golin, 2011, p. 5). Sua “tática de guerrilha em campo aberto”, (Dornelles, 2018, p. 45), destinada a atrair as forças luso-espanholas para a estrada do Monte Grande, demonstra uma capacidade sofisticada de usar o terreno a seu favor. Ao conduzir o inimigo para uma região montanhosa e difícil, ele buscava neutralizar a superioridade bélica do adversário, invertendo a dinâmica do confronto. Essa abordagem tática indica que Sepé Tiaraju compreendia a desvantagem de um embate direto e em vez disso, planejava meticulosamente suas ações, transformando a geografia em uma arma e a emboscada em sua principal estratégia.

A postura de antes reconhecer, “observar os inimigos, para depois combatê-los parece ser prudente, buscando evitar o enfrentamento inconsequente”, como enfatiza (Burd, 2014, p. 116), Tiaraju percebeu que seria improdutivo atacar os ibéricos, antes da batalha de Caiboaté¹², mas Sepé Tiaraju não estava em Caiboaté, porque morreu três dias antes.

A morte de Sepé Tiaraju

A resistência indígena aos avanços ibéricos atingiu seu ponto crítico às margens do rio Vacacaí, próximo à atual cidade gaúcha de São Gabriel. Após uma escaramuça inicial, as forças Guaranis recuaram taticamente para uma área de mata densa, com o intuito de preparar uma emboscada.

No entanto, o plano de defesa foi tragicamente interrompido. No momento crucial da retirada, Sepé Tiaraju, líder da resistência, sofreu um acidente fatal: seu cavalo tropeçou em uma toca, derrubando-o. Imobilizado no chão, Sepé foi rapidamente alcançado e morto pelas

¹² A Batalha de Caiboaté foi o confronto decisivo e mais sangrento da Guerra Guaranítica, ocorrido em 7 de fevereiro de 1756.

forças ibéricas, um evento que marcou profundamente a tragédia missioneira e o conflito entre as populações locais e os colonizadores, como aponta o autor Dorneles:

Diante da resposta ao ataque, os índios se retiraram. Buscaram refúgio numa área de mata, onde seus milicianos, emboscados, aguardavam a hora do ataque: “Mas antes de atingir o abrigo, o cavalo de Sepé enfiou as patas dianteiras em uma toca e rodou. Já no chão, recebeu a carga dos ibéricos”. A tragédia missioneira se deu às margens de um riacho, às margens do rio Vacacaí, perto da atual cidade de São Gabriel (RS) (Dorneles, 2018, p. 49).

Ao investigar a morte de Sepé Tiaraju, “aponta para uma convergência de relatos de comandantes e cronistas da expedição, os quais registraram o desfecho brutal do líder Guarani” (Golin, 1998, p. 312). A análise de Golin, detalha que Sepé foi ferido e lanceado por um peão e em seguida, morto a tiros de pistola pelo comandante da operação, o governador José Joaquim de Viana¹³, que acrescentam a crueldade do episódio a tortura e a queima do corpo de Sepé com pólvora. A contextualização de Golin, resgata os detalhes sombrios de um martírio que solidificou a figura de Sepé Tiaraju como um símbolo de resistência indígena frente ao poderio ibérico, como assevera o autor:

Custódio diz que Sepé foi reconhecido por um espanhol. Sobre a morte, narra que José Joaquim de Viana, avistando um índio “[...] que lhe parecia ser o que os mandava, ao qual um peão português quebrou uma lança no corpo, e o governador de Montevidéu o matou com um tiro de pistola”. Para o lusitano, “[...] o índio Sepeê, que ficou morto, era entre os seus de grande valor e astúcia, e, por isso, comandava aos demais” (Faria, 2004, p. 417).

A morte de Sepé Tiaraju não foi apenas o fim trágico de um líder indígena, ela se tornou um evento central na historiografia dos Sete Povos das Missões, cercado por detalhes como mostra o autor:

Interessante notar que o “capitão” indígena portava em sua algibeira duas cartas, que são descritas no diário de Jacinto Rodrigues da Cunha. Uma era assinada pelo “mayordomo” de São Miguel, Valentim Ibaringã, provavelmente era uma correspondência destinada aos líderes de outras reduções, solicitando novas informações sobre o conflito. A segunda, que para o português se parece com uma instrução a Sepé, reafirma a vontade de permanecer nas terras que, segundo os guaranis, Deus havia lhes dado (Burd, 2012, p. 47).

Com o corpo martirizado e a resistência temporariamente silenciada, a morte de Sepé

¹³ José Joaquim de Viana (1717-1773) foi uma figura proeminente na administração colonial espanhola na América do Sul, mais notavelmente por seu papel como Governador de Montevidéu e posteriormente do Rio da Prata, (Golin, 1998).

Tiaraju não representou o fim da luta Guarani, mas sim o nascimento de um símbolo de resistência que ecoaria através dos séculos, imortalizado na memória e na identidade cultural do Sul do Brasil.

Contribuições e interlocuções entre diversos autores, diálogos teóricos sobre Sepé

Tiaraju

A análise das interlocuções autorais sobre Sepé Tiaraju revela um denso debate historiográfico. Há consenso sobre a relevância do líder Guarani na resistência às potências ibéricas durante a Guerra Guaranítica (1753-1756) e contra as imposições do Tratado de Madri, tendo a máxima "Essa terra tem dono" como lema central.

Pesquisadores como Almeida (2017), Dorneles (2018) e Kern (1994) convergem na crítica às narrativas eurocêntricas tradicionais, buscando superar o apagamento das identidades nativas e reposicionar os indígenas como sujeitos históricos ativos.

As divergências teóricas emergem na avaliação da autonomia missioneira. Enquanto Kern (1994) define as reduções por um "dirigismo estrito" e paternalista, indicando uma agência indígena limitada, Burd (2014) e Almeida (2017) sustentam a existência de relações interétnicas complexas.

Nesse sentido, Dorneles (2018), propõe a categoria de "mediador cultural" para Sepé, cuja liderança baseava-se no prestígio, no mérito e não em moldes hereditários europeus, evidenciando dinâmicas socioculturais próprias.

A resistência ativa e a capacidade estratégica dos Guaranis são ilustradas pela fuga de Sepé do Forte de Rio Pardo, Golin (1998); Burd (2014), evento cujas versões conflitantes nas fontes lusitanas e jesuíticas desafiam a crítica documental.

Ademais, a escassez de documentação biográfica primária, longe de ser apenas um limitante, é interpretada por Dorneles (2018) como evidência de um apagamento deliberado pelo colonizador, fator que impulsionou a mitificação do líder. Em síntese, o esforço dessa revisão historiográfica decolonial visa resgatar a agência dos povos originários. O objetivo comum é garantir que a trajetória de Sepé Tiaraju integre o capítulo central da formação histórica do sul do Brasil, em vez de figurar como mero apêndice da história colonial.

Considerações finais

À guisa de conclusão deste trabalho buscam sintetizar as evidências, descobertas

relevantes da pesquisa e refletir sobre a importância da figura de Sepé Tiaraju e da Guerra Guaranítica no contexto da história colonial do Sul do Brasil. A análise demonstrou que a trajetória de Sepé é um elemento crucial para a compreensão da resistência dos povos originários frente às intervenções europeias, um episódio que desafia narrativas tradicionais e eurocêntricas. O estudo adotou uma perspectiva crítica da nova história indígena e Etnohistória, permitindo uma reavaliação do papel do líder Guarani. Sepé Tiaraju emerge como um protagonista ativo e estratégico, cuja atuação foi além da mera reação aos eventos impostos. A pesquisa, ao dialogar com diversas abordagens historiográficas, conseguiu desconstruir a visão de um indígena passivo, inserindo-o no centro das dinâmicas sociais, políticas e culturais da região. Ponto central que se destacou foi a complexidade das relações estabelecidas nas Missões Jesuíticas. A interação entre padres e indígenas, vista de forma simplista, revelou um ambiente de negociação de interesses distintos. Sepé atuou como um mediador cultural, transitando entre o mundo Guarani e o europeu, o que lhe permitiu consolidar sua liderança e afirmar a identidade de seu povo diante das imposições territoriais do Tratado de Madri de 1750. A análise da estrutura de poder Guarani revelou a especificidade de sua organização social, onde a liderança era baseada no mérito e no prestígio e não em uma hereditariedade rígida nos moldes europeus. Essa característica evidencia a capacidade de adaptação e a resiliência das estruturas nativas, que persistiram mesmo sob a influência do sistema missionário. Assim sendo, compreender essa dinâmica é fundamental para reconhecer a autonomia e a agência dos povos indígenas na história.

As diferentes versões sobre episódios cruciais, como o assalto ao Forte de Rio Pardo, destacam a importância da análise crítica das fontes históricas. A divergência entre as narrativas dos colonizadores e as dos Guaranis ilustra como a história foi contada a partir de perspectivas distintas e muitas vezes manipuladas para. O trabalho buscou iluminar a versão indígena, resgatando a capacidade de estratégia e resistência do povo Guarani. A célebre afirmação “Essa terra tem dono”, permanece como um símbolo atemporal da luta pela preservação territorial e identitária. A relevância da pesquisa reside em reavivar esse debate essencial para a história nacional e regional, revelando aspectos pouco explorados e proporcionando novas perspectivas sobre as relações de poder, negociação e resistência no contexto da Guerra Guaranítica.

Ficou evidente que a pouca importância dada às atuações dos povos indígenas e o consequente apagamento de suas identidades étnicas foram processos deliberados. Esse

dirigismo estrito, que caracterizou a estrutura colonial, é algo que este artigo buscou ativamente contestar e desconstruir. A ideia de que o povo Guarani era incapaz de agir diante da violência do sistema colonial, tendo como única alternativa a fuga ou a submissão, foi refutada pela análise dos eventos. O confronto, muitas vezes marcado pela disparidade tecnológica bélica, demonstra a coragem e a resiliência de um povo que não aceitou passivamente as imposições e lutou por sua terra e sua cultura.

A nebulosidade histórica permitiu a proliferação de lendas, mas também elevou Sepé a um símbolo de resistência e identidade que transcende o registro documental. Em conclusão, este trabalho, por meio da revisão historiográfica e da análise crítica, buscou contribuir para uma história mais inclusiva e equitativa. A figura de Sepé Tiaraju, o "facho de luz" em sua língua natal, ilumina a complexidade da formação histórica da nação e a resistência contínua dos povos indígenas por seus direitos e territórios¹⁴.

Declaração de uso de IA

Declara-se o uso do Google Gemini (versão 1. Pro), em 21 de maio de 2026. A ferramenta foi aplicada para , revisão gramatical e tradução. Foram utilizados prompts como “revise a gramática” e “traduza o título”. O recurso serviu estritamente para esses fins, mantendo a responsabilidade conceitual integral com o autor.

Referências

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: v. 37, n. 75, p. 17-38, 2017.
- BURD, Rafael. A consolidação de uma liderança indígena durante a revolta causada pelo Tratado de Madri: o caso de Sepé Tiaraju, entre o confronto e a negociação. **História e Cultura**. Franca, v. 3, n. 2, p. 108-128, 2014.
- BURD, Rafael. **De alferes a corregedor**: a trajetória de Sepé Tiaraju durante a demarcação de limites na América Meridional. 2012. 153 fls. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- DORNELES, Amaro. Guerra guaraníca. **Revista Adusp**, p. 43-45-49, 2018.
- FARIA, José Custódio de Sá e. Diário da expedição e demarcação da América Meridional e das Campanhas das Missões do Rio Uruguai. In: GOLIN, Tau. **A Guerra Guaranítica**: como os exércitos de Portugal e da Espanha destruíram povos dos jesuítas e índios guaranis do Rio

¹⁴Este artigo é uma versão revisada e adaptada do trabalho de conclusão de curso, defendido no curso de Licenciatura Plena em História EAD, da Universidade Federal de Pelotas.

Grande do Sul (1750-1756). Passo Fundo: Ed. UPF, 2004, p. 145-353.

GOLIN, Tau. Em questão de minutos: a batalha de Caiboaté resultou num massacre de proporções gigantescas com requintes de crueldade. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: v. 6, n. 70, p. 20-21, jul. 2011.

GOLIN, Tau. **A guerra guaranítica**. Porto Alegre: Editora da Universidade: Passo Fundo, 1998.

GOLIN, Tau. A Província Jesuítica do Paraguai, a Guerra Guaranítica e a destruição do espaço jesuítico-missionário. In: José Carlos Radin, Delmir José Valentini, Paulo A. Zarth (orgs.). **História da fronteira do sul**. Chapecó: Editora UFFS, p.73-91, 2015.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

KERN, Arno A. **Utopias e missões jesuíticas**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1994.

MONTEIRO, John Manuel. O desafio da História Indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da.; GRUPIONI, Luís Benzi (Ed.) **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC, 1995, p. 221-228.

REZIA, Benedito. Sepé Tiaraju e a resistência dos Guaraní missionários. In: PREZIA, Benedito. **História da Resistência Indígena**: 500 anos de luta. 2. reimpr. São Paulo: Expressão Popular, 2019, p.1-16.

QUEVEDO, Júlio R. A Guerra Guaranítica: a rebelião colonial nas Missões. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: v. 20, n. 2, p. 5-26, dez. 1994.

SCHLATTER, Bruno Belloc Nunes. **Tiaraju e os outros Sepés**: Lideranças Indígenas na guerra Guaranítica. Porto Alegre: Editora Omni Scientia, 2008.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios**: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial. Nova ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.